

## O DESAFIO DO TEMPO

André Vinicius Lira Costa  
Mestrando em Poética/UFRJ  
andreobranco@ufrj.br

O tempo possui uma ambiguidade própria. Se, por um lado, nos advém bem naturalmente o sentimento do tempo, dissertar sobre ele já apresenta certos obstáculos. A demarcação do tempo em três partes, tão cara ao Ocidente, não deixa em si muito espaço para questionamentos. O tempo se resume, de acordo com essa orientação, a ter passado, estar presente ou prometer futuro. Nesse sentido, o tempo foi e permanece sendo explorado: fala-se na mudança dos tempos, por exemplo. Uma época histórica sucede a outra e se diz que os tempos são outros. Daí, então, segue-se a analisar todos os componentes que caracterizam um dado tempo. O estudo da música também conhece o tempo como uma medida demarcada de ritmo. Os estudos literários também são familiares ao tempo da “experiência subjetiva” proporcionada na leitura de uma obra, assim como ao “tempo psicológico” do qual narrativas fazem uso.

Entretanto, a variedade das aplicações do conceito de tempo não o faz, necessariamente, ser pensado. Em outras palavras, a maneira cotidiana pela qual lidamos com o tempo dificulta nos desvencilharmos de suas noções costumeiras. Geralmente, não se vê problema nisso, pois o tempo cronológico cumpre bem seus propósitos. Não à toa, atualmente se instituiu como um critério global para organização da vida, em consonância com os avanços técnicos. Do tempo calculável dissemina-se a pressa, a produtividade, a eficiência, a padronização, a funcionalidade. Não entraremos no mérito da referência entre técnica e cronologia, apenas queremos apontar para a forma pela qual a experiência usual de tempo se tornou determinante para o homem.

A tripla partição do tempo ressalta a sua mutabilidade, focalizando o presente. O presente é, assim, a experiência primeira que fazemos, para que de dentro dele se possa perceber e relacionar o passado e o futuro. A todo momento, estamos no presente. Ainda que esse presente já tenha sido um futuro ou seja um passado, só podemos estar nele como presente. Por isso, o futuro se conhece pelo nome de “ainda não” e o passado como “não mais”. Assim, dizemos que o tempo é fragmentado, seccionado: nunca o presente e o passado e o futuro, ou o presente e o passado. Saber-se futuro depende necessariamente de não ser passado, numa relação negativa.

Dáí vem a chamada “consciência histórica”. Quando, em geral, chamamos a atenção para a familiaridade de um acontecimento atual em relação a um passado, insinua-se que a negação não é nem pode ser total. Os três tempos, portanto, estão em interrelação. Dependendo da interpretação dessa relação, pode surgir a noção de progresso, de melhora, de ganho. A política trabalha, ao menos em nível de discurso, com essa leitura do tempo linear: melhorar, hoje, as condições que o passado oferece, para construir um futuro mais aprazível. Aprender com os erros do passado, para não os repetir no futuro. De uma maneira curiosa, parece que a relação negativa se inverte: o presente depende necessariamente de ser futuro e ser passado.

No campo político, aliás, isso é bastante curioso, já que oferece um subsídio para alienar a situação presente. É como se o presente não fosse possível, como se estivesse inteiramente subjugado pela imponentia do passado e pela necessidade do futuro. Retirando o presente de cena, remove-se também o que ele presenteia: o inaugural. O fluxo se interrompe.

Para compreender o inaugural, façamos a pergunta: onde está o tempo? Será ele um dado a priori? Por exemplo: os próximos trinta dias no futuro já existiriam — posso calculá-los e prever sua chegada. Só resta que cheguem, não dependem de ação humana alguma. Assim, o tempo estaria fora de nós. Ao mesmo tempo, já estamos sempre em algum tempo, ainda que já tenhamos estado em outros. Então, ele também estaria dentro de nós. O tempo decididamente chega e escapa. Mais precisamente, ainda no âmbito linear, estamos dentro do tempo e fora dele.

Mas ainda não respondemos à pergunta e outras surgem: se o tempo nos chega e nos escapa, aonde vai? Como sabemos que escapa? Há algo que não seja tempo? Então, qual seria seu destino? Tentaremos entender algumas dessas contradições.

Parece-nos, aqui, que a apreensão do tempo se liga a uma outra questão: a inaugurabilidade da presença. Como estamos acostumados a tomar tanto o tempo como o próprio espaço como dados e estabelecidos, também sentimos as próprias coisas como dadas. Em outras palavras, são puros entes, compreendidos em função de sua positividade ou ausência dela. São coisas, em seu sentido mais banalizante: não possuem a menor importância, a não ser que se nos tornem importantes. Isso ocorre porque nos esquecemos do poder inaugural e poético que as próprias coisas oferecem. Essa é uma palavra-chave: oferecem. Na contramão de achar que o sentido das coisas é o sentido que damos a elas, a palavra “oferecer” ressalta o convite do mundo, o convite criador de mundo.

Contudo, esse é um convite que aponta para si mesmo. As coisas não convidam para o conhecimento de seu todo, para o assenhoreamento de sua essência. O convite convida para se manter convite, para manter conjugados o homem e as coisas. Ele convida para estar junto, íntimo. No convite, a coisa e o homem retornam a ser possíveis.

O convite, portanto, aponta para a riqueza da coisa, deixando-a vir à presença. Se o tempo escapa, essa presença não pode ser estática. Quer dizer que o tempo é dinâmico? Sim, mas até aí ainda poderíamos estar compreendendo o tempo linearmente. A passagem de um dia a outro é dinâmica. Entretanto, há no dinamismo o risco de pensarmos o tempo como uma sucessão de “aquis” e “agoras”, tal como a História, muitas vezes, propõe, apresentando fatos em processo e relação.

Como pensar o tempo como um vir à presença, evitando reduzir as coisas às suas manifestações? Ora, a manifestação é um dos modos da vigência. Se for aceitável que há o que não podemos ver ou detectar, mas ainda assim permanecer presente, a vigência de algo não depende de seu estado ôntico. Esse “algo”, que pode ser qualquer coisa, tem o seu curso próprio, que não é regulável. Tome a linguagem: podemos não saber o que é nem onde está, mas temos uma língua, podemos ter várias.

Na experiência poética, somos convidados e arrebatados pelo tempo, isto é, pela vigência das próprias obras de arte. Será que isso quer dizer que saímos do presente, como se diz habitualmente? Será que, da mesma forma, conseguimos sair de nós mesmos? Cremos que a resposta para as duas perguntas é negativa. Nunca deixamos de estar no nosso tempo e de sermos nós mesmos — o que muda é o sentido verbal do tempo e do ser. Como podemos ser convidados pelas coisas e obras de arte? Apenas se necessariamente estamos e não-estamos no nosso tempo, se o nosso tempo decorre do convite para ser ele mesmo. O tempo próprio de cada coisa, como do brotar de uma semente ou de um filho, precisa criar e se impor. Ela se faz, surge. Daí que uma pintura pede cor e um poema pede palavra para se consumarem. Alguns fazem poesia a vida inteira e não são bons poetas; há os que escreveram um único e grande livro; os que só começaram a escrever já em avançada idade... Tanta multiplicidade quer dizer: a cada um é dado ser o que é de certa forma e não de outra.

Diante disso, como se situa a noção de contemporaneidade? Dentro do mundo fundamentalmente tecnológico em que vivemos, no qual a noção de progresso, como apontamos, é fulcral, parece ser uma exigência ser atual, ser contemporâneo, ser novo, “de ponta”. Toda atividade que se queira contemporânea, nesse sentido, é desde sempre

inconclusa e malograda. Tomemos como exemplo um dicionário: sabemos que as palavras habitam uma dimensão distinta, incapaz de ser apreendida pelos significados do dicionário, por mais pesquisa que se faça. Um dicionário já deixa de ser atual até mesmo antes de sua publicação. Uma coletânea de escritores contemporâneos não só deixa muitos escritores de fora, mas opera numa determinada demarcação de tempo, a que não consegue fugir. Porque o contemporâneo ele mesmo, o presentíssimo, esse não pode ser transformado em livro. É uma atualidade que não é tão atual assim. A princípio, a contemporaneidade é um critério cronológico que não funciona na própria cronologia.

Um outro significado corrente de contemporaneidade é o de compartilhar o mesmo tempo. Assim, dizemos que duas pessoas são contemporâneas quando convivem num mesmo período histórico. Utilizamos a expressão, também, para dizer que algo de outro tempo também comparece em um tempo. Não é incomum ouvir que “somos contemporâneos de Platão” ou que “Homero permanece moderno”, isto é, as questões trabalhadas em suas obras atravessaram os seus tempos. Aqui já vemos uma distinção em comparação à ideia de novidade. Platão e Homero não são novidades, mas podem permanecer contemporâneos de nós. Essa é uma distinção importante, já que a discussão do avanço, do contemporâneo e da novidade costuma orbitar em torno de delimitar critérios para decidir o que (ou quem) é atual ou não é. Como argumentamos, a tentativa de estabelecer um critério cronológico para o contemporâneo está destinada a ser arbitrária.

Então o que significa estar no mesmo tempo? Se a afirmação de que “[a obra de] Homero permanece moderna” é legítima, significa estar no tempo do mesmo. Quer dizer que ela tem data, mas não é datada, tem um tempo, mas não é temporal. O presente da obra não coincide com o presente temporal: por esse motivo, conseguimos ler as obras de outros tempos quase como seus leitores contemporâneos. O que dá a fluidez do tempo não é o seu passar, mas o permanecer. Se o tempo efetivamente passasse, tudo iria embora, ele se esvairia em si mesmo. Mas há uma fonte obscura que, no seu interior, dá tempo, presenteia e apresenta tempo. Ela preside o caminhar da história, é o elo de todos os tempos, o presente eterno.

Não estaríamos, então, sempre contemporâneos de tudo? Cremos que as portas estão lá, mas não necessariamente possamos ou iremos abri-las. Por isso, acentuamos como o tempo se oferece, se doa. Pode também não se dar, mas nisso irá dispor outras coisas. Por isso, não podemos ser determinados por nenhuma instância social, histórica,

filosófica, ideológica etc. Em primeiro lugar, a vida se dispõe para nós e em nós, abrindo-se possibilidades. Assim, temos nossas afinidades e desafinidades, as vias nas quais realizamos aquilo que somos. Nessas vias, acontece de maneira misteriosa o que conhecemos como o destino.

Destinar-se não significa predestinar-se. Significa, sim, a urgência de ser, pensar, agir e amar, que não controlamos, nem determinamos, apenas lidamos, até certo ponto. Esse é um ponto bem controverso, já que a subjetividade moderna (e pós-moderna!) enxerga o destino como um alinhamento da vontade, e daí comprometendo sua “liberdade”. Mas deve-se compreender que a condição humana é angustiante por si mesma, não pode ser concebida sem essa angústia. Claro que há espaço para melhorias — no âmbito social, religioso, amoroso etc —, porém os limites que nos são dados estão possibilitando a vida e não a suprimindo. Claro, também, que questionamos os nossos limites, nos movimentamos neles! E é o que nos impulsiona à frente, cumpre lentamente o projeto que é cada um.

Podemos dizer, então, que há o tempo da memória. A memória reside como nó e nexos das coisas que são. Um exemplo: meus antepassados. O entendimento usual da memória diria que sou unido aos meus antepassados por um laço causal. Eles podem ser lembrados por registros ou histórias, por terem vindo antes e gerado seus antecessores em cadeia.. Contudo, esse raciocínio atesta que sou filho, neto, bisneto... Mas não pode dar como sou filho: o que sou. A memória do que sou não está, então, determinada pela memória dos que foram. O que nos identifica, então? O humano, a situação em que somos colocados diante do ser. Tão importante quanto atestar as diferenças é atentar para essa identidade essencial. Por esse nexos da memória, o cosmos nos dá a condição de sermos radicalmente parecidos com tantos outros e ainda distintos. Daí a importância do companheirismo para o homem, no melhor sentido: compreender que nos irmanamos todos como história humana. Esse é o maior desafio ético para o homem. A diferença não se dá sem identidade — é o mesmo ensinamento do tempo.

Em tempos em que a terra vira cada vez mais um recurso para ser explorado, dissemos coisas delicadas. Como argumentar a favor de uma memória que guarde tudo que é, se justamente não se questiona como as coisas “são”? A posição humana se mantém firme, ainda que se diga que sejam tempos “pós-metafísicos” ou de “questionar os paradigmas”. Porém, acreditamos tal esforço argumentativo se mostra indispensável, já que, mais e mais, o homem não sabe mais o que esperar e se desespera. Sozinho consigo mesmo, readequando conceitos, símbolos e idéias antiqüíssimas, enfastia-se e

perde-se, não vê sentido em nada. A compreensão do tempo da memória, de um tempo poético, se mostra como o caminho pelo qual o homem recupera a familiaridade consigo, com a força da palavra, com o mundo que habita.

Na vigência do tempo da memória, o diálogo é fundamental. Ele articula todas as posições consigo mesmas a partir do horizonte do nada. Por isso, conseguimos “lidar” com qualquer coisa que o mundo venha a constituir. Somos tributários dessa referência dialógica. Podemos olhar para tudo o que fomos e ainda nos achamos muito parecidos. Com tantos anos de distância, tão criança, ainda! E ainda assim também suspeitamos que não somos. O mesmo se dá entre, digamos, duas pessoas. Como nos sentimos contemporâneos de algumas pessoas do passado! Isso só é possível se o tempo da memória, o tempo próprio em que cada um se conserva no que é, não é mera lembrança do que já passou, mas uma reserva do ser. Só pelo que não-é se pode se aproximar do outro como singularidade, não como um não-eu. Senão só haveria os diferentes entes desconexos entre si e em oposição. Em outras palavras, habitar o rasgo entre ser e não-ser nos faz compartilhar um mundo, um tempo, um lugar.

É um grande mistério, pois parece que tudo que foi no “passado” ainda está em jogo hoje. Daí vem a sensação, diante das obras de arte, de que elas são muito próximas entre si, e que qualquer corte ou juízo cronológico é insuficiente para garantir-nos, nelas, a entrada. Estamos — por existirmos — e nunca estamos preparados para elas — pelo cuidado que o tempo próprio da obra exige, já que não é o mesmo que o nosso. Uma criança pode ler o mesmo poema que um idoso e ele lhes dizer coisas parecidas. Ou ambos podem ler o poema e não lhes chamar atenção. Como o poema de Cecília Meireles, “4º motivo da rosa”, parece dizer sobre o próprio poema, “E por perder-me é que me vão lembrando, / por desfolhar-me é que não tenho fim”. Na poesia, o significado perdido é o sentido mantido e perpetuado. Esse é o movimento próprio das coisas, a que escapa, essencialmente, toda finalidade ou causalidade. Por isso, a poesia recusa uma instrumentação capaz de desvendá-la. Ela ganha na perda, existe desfolhando. Nessa dimensão, o amanhã e o agora só podem ser concebíveis a partir de um referencial externo. Para ela, só há o sempre, conquistado e recusado, todavia mantido, em toda leitura.

O tempo emerge de um próprio modo de ser. Tendo em vista as considerações tecidas até agora, a poesia também é. Todo o esforço da Estética e da Teoria Literária, de uma maneira geral, tem sido em caracterizar a poesia a partir de seus efeitos, de sua composição, causas e princípios. Para tal, fatalmente se escapa à compreensão da poesia

como algo distinto e exclusivo no leque do real. Isso gerou o conceito de linguagem poética, por exemplo. Causa estranhamento dizer que a poesia é. Mas essa colocação diz que ela é, como todas as coisas, mas também é, como só ela mesma pode ser.

Dessa dobra, percebemos: a poesia é originária, como o ser é poético. Aqui o “é” não iguala as duas partes de uma sentença, porém aponta para uma tensão instauradora de duas instâncias. Voltando ao exemplo, ainda que se compreenda linguagem como restrita às palavras, todas elas já se insinuariam como portadoras de mundo, como maravilhas à beira do descobrimento. Isso porque a palavra só é signo depois de ser acontecimento. Mesmo no nosso cotidiano, a relação que possuímos com elas nunca, mesmo com esforço, deixa de ser poética. Elas acontecem a todo momento — o estranhamento que temos com a poesia é que ela põe isso em questão, dá lugar para brilhar o seu próprio acontecimento nas palavras. Isso não quer dizer que a poesia seja “diferente”, de maneira que possa haver coisas poéticas e coisas não-poéticas. Ela, assim como tudo que é, tem por proveniência o acontecimento.

O acontecimento de algo é a vigência de seu tempo. Nos versos citados de Cecília Meireles, o perder desfolhante é reverenciado, pois é fenômeno que extrapola o tempo medido e finito. Ter acontecido propicia tanto lembrança quanto esquecimento — mas, para acontecer, exige-se ser, exige-se estar na memória. Assim, o homem é histórico por ter tal ligação com o que acontece e o que não acontece. Está perpetuamente preso a estar na liberdade do tempo. Também, por isso, se coloca com o que não é tempo, o que não é história, o que não se dá. Salvaguardando-se no incondicional, abre espaço para todas as condições de possibilidade.

Portanto, parece absurda também a noção muito divulgada das “identidades nacionais/culturais”, estejam elas em crise ou não. A referência entre o homem e o tempo já é essencialmente indeterminada, como argumentamos. Seria demais, então, esperar que seja passível de ser representado numa identidade o modo como um determinado conjunto de homens existe na história. Em outras palavras: o tempo que acontece nos meus semelhantes não pode ser o mesmo que o meu, e não os posso ser para experienciá-lo, muito menos para representá-lo.

Chamamos a atenção para o poético — como, na contemporaneidade de tudo que é, cada coisa tem tempo próprio, um milagre insubstituível. Poderíamos dizer que o poético é o encontro da terra e do céu, a mistura viva do visível e do invisível, do possível e do impossível. No que é, há uma via de riqueza para se estar junto. A experiência que temos com a arte é que ela descobre coisas das próprias coisas, traz

tempo ao tempo. Isso só é possível porque as coisas são poéticas; a arte não só trilha essa via de sabedoria, mas é o próprio caminhar. Cremos que o poético é o tempo originário que se dá, temporalmente, naquilo que é. O presentear do presente conserva o paradoxo já comentado de que o tempo não pode ser tempo, mas também que o ser não pode ser. Bem no limite do “não pode” — incontrolável, inexplicável —, acontece ser e(m) tempo!